

CATEGORIA CRÔNICA

3º lugar – Carolina Bempck (IFRS)

O sentir é uma imensidão

Nem uma imensidão de palavras das quais usamos para nos expressarmos, existe o vocabulário “sentir”.

Sou um ser que plina nesta vastidão do universo, já entendi o que vivencio, percebo e sinto as sensações.

Como um ser elementar, além de instintos sou mais que isso, sou sentimentos. Começo a entender que sentir é ir além das estrelas, além do oceano é ir buscar nos esconderijos da alma e trazer a superfície para assim poder compreender e vivenciar verdadeiramente o sentido da vida em todas suas maneiras.

Sentir é muito mais do que nosso corpo traduz, perceber e entender no silêncio o que as sensações nos dizem.

Quando sinto frio, minha pele arrepiada, e neste frio percebo que produz na minha alma, a sensação faz com que reaja ir em busca do agasalho e no meu ser o que busco para aquecer minha alma dolorida?

Quando sinto fome, diz: se alimente, e para fome da essência o que percebo que preciso para somar?

Quando sinto sede, por qual caminho vou em busca do pote para saciar a mesma e será que entendo a sede de busca, do vive?

Quando sinto dor, compreendo que há meios de aliviar, mas sinto o real recado que nos dá?

Será que ao toque de alguém sinto, vivencio a emoção que traduz sentimentos, vibro com este contato sentindo penetrar na minha alma o licor da vida me abastecendo das mais sublimes energias elementares, ou é só um contato físico?

A carícia de uma mão no rosto produz o toque suave, se assim sentir na forma de gratidão. Sentir tem muitas formas que cada um de nós percebe. A maneira que sinto a acaricia do vento fazendo cafuné nos meus cabelos, outro sentirá que está sendo despenteado.

A chuva que me banha, limpa com bailado elegante, para alguns transmite o dia triste...

A folha que caí no solo para fertiliza-lo, enriquecer pois já fez sua parte nas árvores, é visto como a mais bela sintonia da vida e para alguns é sujeira.

O choro de uma criança é a vida vibrante, símbolo de amor maior, para alguns é incomodo.

A dor posso vivenciar como uma ferramenta de aprendizado, para alguns é castigo.

Enfim quando assim entendo que sentir está em mim e que como foi escolher a forma de vivenciar, experimentar será a fórmula da felicidade que descobrirei. Verei que sou muito além deste espaço, não há limites para sonhar, e no sonho sou capaz de fazer meu próprio enredo com finais felizes e neste cenário posso e devo trazer e vivenciar a forma simples a todos aqueles que sentem a vida pulsar, não porque respiramos porque existimos, e somos únicos. Sinto o amor nos envolvendo num bailado harmônico. Sentir com a intensidade de calor do sol, do brilho das estrelas, a fórmula está em nós escolhermos o melhor, o maior e viver sentindo a vida pulsante em nós.

2º lugar – Giulia Gasparini (IFPR)

Crônica do banheiro

Curitiba, 4 da tarde de um sábado de fevereiro. Deu no jornal que esse é o verão mais quente do século, alguma coisa haver com a camada de ozônio. Eu acrescentaria que esse é o mais seco também. Minha garganta parece o deserto do Saara e a garrafa de água que levo comigo não dura 10 minutos, paro em todos os bebedouros para enchê-la novamente. Minha irmã sempre me chamou de mijona e eu tenho que concordar com ela, se tivesse uma escola de bexigas, a minha seria abaixo da média. Em pouco tempo a vontade de fazer xixi é grande demais para ignorar e eu começo a minha busca por um local adequado.

Está certo que banheiros químicos são pesadelos milenares e possuem uma fama um tanto quanto ruim, desde sempre distintos quanto ao cheiro, mas pensei em me arriscar em um mesmo assim. Péssima escolha. O lado de fora era tão fétido que poderia ser descrito como uma bomba química sabor urina, que rasga a narina e coloca em destaque dentro da mente a superpopulação de germes que saíram da virilha suada de um homem pouco adepto de noções básicas de higiene e, depois de uma curta temporada morando em uma maçaneta ou na cordinha da descarga que começa branca, seca e virginal perto da caixa, apenas para terminar negra e molhada de alguma coisa que imagino ser os diversos fluidos em eterno combate no recinto: urina e sabonete, água sanitária, água da pia e água da latrina, um paraíso miltoniano em pé de guerra, podem seguir lá, eternos feito uma lápide dentro de mim. Da vontade de prometer nunca mais fazer xixi na vida. Penso que lavar as mãos depois ajudaria, mas nem sabão poderia redimir a minha presença naquele antro sujo. Foi a deixa que a minha bexiga precisava para concordar em esperar agoniadamente até o banheiro da cafeteria da outra rua. Depois que tomei essa decisão, alguém abre a porta e entra no banheiro químico, fazendo, corajosamente, o que eu não pude, assim, me contento em passar a herança do desespero para o desconhecido que bravamente aventura-se na terra dos micróbios residuais.

Suando frio, corro acelerada com a bolsa tiracolo esbarrando em todo mundo. Não me leve a mal, fui bem criada, tive aula de pintura, aula de piano, fiz ballet, judô, karatê, natação, visitei cinco países, aprendi a tocar ukulele, beijei na boca algumas vezes e sinto que isso de alguma forma me preparou para a vida no mundo real, mas quando o desespero da vontade de fazer xixi bate, o instinto animal vem a tona e criação nenhuma importa mais, parecia que me restava só um fio de lucidez. Virei a esquina para entrar na cafeteria, lá, vi o bonequinho pictórico com a saia e adentrei ao recinto, no afã de esvaziar a bexiga que me apertava até o coração. O banheiro era como uma extensão da minha casa, momentos que pareceram eternos de aflição fizeram-no uma âncora de familiaridades. O local, apesar de, para mim, ser quase um palácio, é como todos os outros: azulejado, frio, cubículos com divisórias de granito e portas de fórmica repletas de pichações que

revelam a mania humana de deixar sua marca por onde passa, as palavras, se acotovelando para caber no pequeno espaço, gritam o recado de seus donos e constroem um mural de arte contemporânea, expondo os verdadeiros poetas. As mensagens variam de recados de amor, números de telefone, xingamentos, gritos de "Vai Curintia" e nomes que querem ser notados em uma multidão disforme. Bem aventurados são eles, que foram poetas até na hora de mictar ou defecar e contribuíram, através do vandalismo, ao trabalho de deterioração do tempo. Dentro do cubículo, a privada é como um móvel de casa: conveniente, onipresente e requisitado.

A minha bolsa tiracolo, na falta de um gancho, vai ao chão com a naturalidade do filho pródigo. Desabotoo minha calça, sento na latrina e faço, com felicidade, o que estou ali para fazer. O xixi que sai de mim é um xixi bem-comportado e comprido, um xixi igual ao seu e ao do próximo, mas a onda de alívio que me atinge no processo, droga nenhuma poderia proporcionar. Procuo o papel higiênico e não tenho sorte, praguejo-me mentalmente por não ter checado antes e cogito me fingir de homem e chacoalhar, subir a calça e seguir a vida, é quando vejo saltos altos no chão ao lado, e uma segunda onda de alívio me atinge, ali estava a salvadora da minha higiene básica. Respeitosamente solicito, e ela me entrega o rolo de papel higiênico debaixo do cubículo com o afago dos desconhecidos generosos. Enquanto termino meus assuntos, escuto o belo cantarolar baixinho da estranha solidária, e, quando abri o porta do cubículo, ela teve a cortesia de sair como quem se vai para nunca mais voltar, vi apenas seus ombros, ela tem ombros lindos.

Me dirijo a pia, que conserva seu pudor de porcelana branca franciscana por insistência, talvez o único lugar que é lavado constantemente de forma involuntária por todos os presentes, não excluída disso, lavo as mãos e lavo a pia. Não há nenhuma ajuda de custo a ser coletada, não há roleta que me coloque condicionais ao uso desse recinto. É um banheiro selvagem de cafeteria, inconspicuo pelo fluxo capitalista do estabelecimento, que troca dinheiro por comida e café fraco.

Enxugo as mãos molhadas na roupa porque não tinha papel toalha disponível no dispenser. É hora de voltar para o calor do mundo. Estou livre do banheiro e livre da necessidade fisiológica que me levou até ali, pelo menos na próxima meia hora, porque na saída do café, compro uma garrafinha de água, tomo o primeiro gole e sigo rumo à seguinte vontade que me pegue desprevenida.

1º lugar – Pedro Gonçalves (IFCE)

A vida através da tela de um celular: a androidização do humano

Sete horas da manhã. O celular toca. Não é uma ligação, é o despertador, como você pôde prever. Um toque familiar, mas por quem não nutro nenhum afeto. Talvez ódio, mas para isso ele teria que ter rosto. Como não tem, sequer saberia identifica-lo se alguém pedisse agora. É apenas um som. Um som sem feições, insípido, que tão somente serve para me acordar. E quanto a isso cumpre perfeitamente o seu papel, aponto de ninguém lembrar que um dia houve galos e os seus cantos. Para isso João Cabral de Melo Neto não estava preparado: um celular sozinho tece uma manhã.

Não é curioso que o primeiro som que a gente escute no dia seja o de um dispositivo móvel, geralmente localizado na cabeceira da cama, conectado a um carregador na tomada, sempre ao alcance das mãos? E não só o som, é bem possível que o primeiro rosto que veremos também seja através desse aparelho.

O smartphone, mais do que qualquer corpo, conhece todas as digitais dos nossos dedos, não só nos acorda, como nos coloca a par do que se passa no mundo. A gente abre os olhos e, antes de bocejar ou abraçar a pessoa que está ao lado, pega o celular, desliza o dedo e uma luz de brilho intenso se acende na nossa frente para fazer a mágica acontecer: informação na palma da mão.

Mais do que informações, notificações! Aos montes. Em especial no whatsapp. E é óbvio que a maioria de nós já começa a abrir. Uma por uma. Uns, por ordem cronológica; outros, de acordo com a consideração que nutre pelo remetente: a hierarquia cada um decide a sua – primeiro, família; segundo, amigos; depois colegas de trabalho, embora haja os que preferem começar com as do grupo do racha de futebol da noite anterior.

É um turbilhão de mensagens. Boas e ruins. Bobagens se misturam com relevâncias. Links de notícias: atualização do número de mortos por Covid-19, a derrota do time de coração na rodada do brasileirão, o mais recente surto autoritário e truculento do presidente da república, o fim da pandemia – ozônio via retal, o blogueiro que descobriu o plano do partido comunista chinês para dominar o mundo e legalizar a pedofilia, etc. Sem falar nos áudios e vídeos que a globo não mostra. E as infundáveis figurinhas? Tudo na palma da sua mão e ainda não são nem 7hs 30min, sequer você tomou café, chegou a ver o sol ou sentiu uma brisa no rosto.

Se por um lado é cada vez maior o número de mensagens silenciadas ou simplesmente ignoradas; por outro, todos admitimos que algumas delas nos pegam de jeito, sobretudo as relacionadas com a nossa vida pessoal, como o recado avisando que o cunhado deu entrada na UTI durante a madrugada, devido complicações geradas pela Covid-19; ou a da grande amiga dando a notícia que acabara de receber o resultado da biopsia: negativo.

Hoje em dia já não passamos por acontecimentos, eles é que passam por nós. Passam, não; na verdade nos atropelam. É isso ou nada. A realidade virtual a princípio representa a morte da experienciação. Num momento uma notícia triste; no seguinte, uma alegre. Sorrisos e lágrimas transferidos para a sessão dos descartáveis. Com exceção das catastróficas, nenhuma experiência nos atravessa de verdade, pois não as curtimos de corpo inteiro (só com a ponta do dedo no celular), não as vivenciamos em profundidade: lutos não são chorados, conquistas não são celebradas, pois logo um fato novo, uma angústia nova, nos arrebatada da anterior para imediatamente ser ofuscada pela seguinte.

O homem das redes sociais é um homem desterrado, sem lugar no tempo. Não está no passado, nem no presente. Anseia estar no futuro, mas a ânsia pelo que ainda não chegou o arranca de onde está, de modo a torná-lo órfão no tempo. É querendo ocupar todos os espaços que fazemos do vazio o nosso habitat.

Sem experienciação, nossa trajetória é desprovida de marcos, de pontos de contatos conosco mesmo, com quem fomos. Não se trata, óbvio, de ficar preso num episódio em particular: um relacionamento fracassado, a perda de um filho, a aprovação num curso, etc. É preciso que cada etapa da nossa vida seja superada, as boas e as ruins, mas para que haja superação é preciso que passemos por elas, que sejamos atravessados, atingidos, não só de raspão, mas na pele, em profundidade para só então prosseguir, dar o passo seguinte, sem ser mais o mesmo.

Parafraseando Ortega Y Gasset, eu sou eu e as vivências que me atravessaram, sobretudo as que envolvem as pessoas que passaram pela minha vida, como na belíssima canção de Gonzaguinha, Caminhos do Coração, “Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”. Mas para que isso se concretize, é necessário se deixar tocar por elas, permitir que entrem na minha sala de estar, sentem na mesa de jantar, adentre a cozinha e, quando for o caso, durma na minha cama. Respeitando cada etapa, sem atropelos. Pois a pressa nos rouba a experiência. Beije, mas beije “devagar que é para dar tempo de se apaixonar”, como nos ensinou outro saudoso poeta que sabia das coisas: Belchior. Saborear requer tempo.

Por falar em beijos, até os romances abandonaram os palcos de sempre para se adequar à nova realidade virtual (expressão que até bem pouco tempo soaria como uma contradição de termos). As paqueras já não são nos bares, nas praças, mas no Instagram. A troca de olhares foi substituída pelo joinha em posts. Curtir uma foto antiga é sinal incontestado de que a pessoa está a fim. O flerte é via stories.

Só que no mundo das notificações constantes de celular, de notícias e mais notícias, macros e micros, de interesses gerais e particulares, já não se pode desfrutar o luxo de viver cada acontecimento na sua profundidade, através da epiderme. E nos habituamos a isso de maneira tal que aos poucos fomos transferindo a expressão das nossas emoções dos rostos para os emojis:

chorar de rir, ficar vermelho de raiva, ruborizar as bochechas de vergonha ou se derramar em lágrimas, são coisas que “acontecem” apenas no whatsapp.

Por certo há várias formas de estar no mundo e se relacionar atualmente, mas talvez poucas que não seja sentida através da tela de um smartphone: uma extensão do nosso próprio corpo.

POEMA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

3º LUGAR – João Vitor Campos (IFMA)

Sientes como el todo

Sientes el viento a soplar
Como un beso de buenos días
En recuerdos de otras vidas
Cuando te permitiste amar

Sientes el sol arder
Por las ventanas cerradas
De caricias no amadas
La soledad del amanecer

Sientes la lluvia morir
Por tus manos arrugadas
De las noches vengadas
Que no pudiste vivir

Sientes la vida a volar
Con tus alas de libertad
És tu vida, tu voluntad
Tu quieres volver a amar

Sientes el amor a soñar
Siéntelo en todas las maneras
No digas porque te fueras
Después de sufrir y llorar

Sientes todo de mí
Mis caricias, mi amor
En todo hay mucho valor
Entre nosotros aquí.

2º LUGAR – Anna Carolina Portela (IFPR)

The expected rain

As a sudden and cool wind blows
don't need to be a seer, you know it's near.
The drops, the crops and the frogs are singing
that sweetest song almost forgotten.
In your garden, in your roof
muttering, flowing
it comes to fulfil
the dry earth
your heart
your
ear

1° lugar – Giulia Gasparini (IFPR)

Humans as they are, and other lies god has told me

i met god on a hill
just to the left of nowhere,
as we talked with a sentimental taste,
she pondered about her creations.

she said "humans,
you see,
are great at forgetting
the moment the familiar turns to strange.

they nurture a desperate ache
to grow beyond their bones,
escape to bigger homes,
without the fright of some unknown.

they are afraid of the dark
because the night time, with all its eyes,
takes them hostage and tells them lies,
stealing the joy of breathing in again,
taking away the tender dreaming of the mind.

hurricanes dance inside them,
tearing worlds apart with war,
until there's no one left to morgue them
and so they plant graveyards of apology flowers.

they find memoirs sketched in the clouds
and philosophies written by the rising sun,
they are not made of glass yet still, they shatter.

in the grand scheme of everything

they are only known as humans,
complete, absolute, imperfect,
beautiful humans".

done with words, god gave me the beauty of her humming quietly
and had the courtesy to leave.

POEMA EM LÍNGUA MATERNA

3º LUGAR – Maria Cecília Saldanha (IFSuldeMinas)

Prescrição de sentimento

O cheiro de basílico ainda está aqui,
passam-se anos e ele nos rodeia.
Mas nunca o colhemos.
Quem sabe na próxima primavera.
Faça sentido ou não,
o essencial é que se faça sentindo
e depois incorpore coragem.
E na falta dela, deixe faltar?
É que sou muito velho,
já não é mais época de basílico para mim.
E eu sou muito novo,
o cheiro de basílico não vale nada para mim,
ainda é inverno.
A forma do meu sentir é soturna.
Ando em círculos e em instantes
concluo que sou exíguo.
Coisas, me sentem de que forma?
Talvez eu não seja sentido
e nunca tenha sentido.
Cá consigo sentir a aspereza da vida
enquanto outros sentem a maciez.
Meus pés não me sentem, mas eu os sinto
e vez ou outra deixo que eles se sintam.
A forma do meu sentir é singular.
Se formos sutis,
o chão ainda sentirá nossa sombra.
E se formos estridentes,
o tempo e o som nos deformam.
Fico na procura da prescrição de sentimento.

2º LUGAR – Diego Deznoski (IFPR)

O choro do silêncio

O silêncio é a arma da alma
Na madrugada ,fria traz calma
Aumentando a saudade
Na solidão ausente de realidade
Sem ajuda para o trauma
Acrescendo a dificuldade
Inimigos a bater palmas
Extinção da vaidade
Vivendo esta triste rotina
Esgotando a minha serotonina
Qual é o sentido de viver?
Optei por perder, sem pensar em ganhar
Nada mais do que morrer
Nesta triste solidão .O Que chorando hei de conquistar?

1º LUGAR – Luana Medeiros (IFRN)

Soneto da Desilusão

Beijam os meus lábios a saudade
O sabor do beijo cruciante
A dor que dói a verdade
E o ardor no peito delirante.

O que me resta de tua boca
É reminiscência tão vazia
Do teu toque, vibração oca
Que eu criei foi alergia.

O coração partido não esquece
Do sentimento que desaba
E do amor que desfalece.

Essa é a sina de quem já amou:
Andar e seguir em frente
Ou remoer no que já passou.

CONTO

3º LUGAR – João Victor Queiroz (IFTO)

Partir

Tudo se inicia de uma maneira surpreendente e o coro anuncia a chegada daquele momento. O coro, aqui especificado por mim são as dezenas de realidades paralelas em que eu criei na minha mente desta situação tendo um final absurdamente diferente. Como eu poderia saber? Na verdade, como VOCÊ poderia saber?

Voltemos do início. Eu o conheci na escola, o lugar mais previsível e indiscutivelmente mais dramático em que uma história como esta pode começar. Como todo bom romance cheio de drama, ele nem me notava, e pra ser bem sincero nem eu mesmo o notava, sejamos realistas nunca se sabe quando esse tipo de coisa vai acontecer, e com este tipo de coisa eu não estou querendo dizer o romance.

Era uma questão de materialidade e fluidez, eu existia ao mesmo que ele e ambos desviamos um do outro como as rochas são transpassadas por um rio que rompe rugindo a imensidão de uma floresta cheia de segredos. Um toque. Ah, aquele único toque que culminou no que seria a minha desgraça. Por que sempre um toque?

Então veio o nosso encontro. Foi uma caminhada inocente até a praça que era ladeada por um lago de águas escuras e profundas, como meus sentimentos até ali por ele. Eu o olhei, ele olhou pra mim. O gênesis. Naquela noite eu não sentia mais os meus pés no chão, era como se eu flutuasse a poucos centímetros e estivesse patinando sendo guiado pela energia daqueles olhos escuros como a noite. Seus cabelos longos e cacheados me levavam para linhas em seu rosto, linhas tortuosas como caminhos sombrios em uma aventura medieval. Em algum momento nossas mãos se encontraram na lateral de nossos corpos e foi como se liberassem todos os fogos de artifício dentro da minha mente, que despertou as borboletas que antes eram apenas lagartas em meu estômago. Mas como todo bom momento, aquele passou e deixou apenas a memória. Nós não nos esquecemos dele. Eu não me esqueci dele.

Ele fazia questão de falar comigo, e nós conversamos, fiz questão de deixar ele saber o que se passa na confusão da minha mente, e no bater do meu coração. Sempre que eu achava que estávamos perdendo naquela relação superficial algo acontecia. O passeio foi a Primeira Onda, a festa foi a Segunda.

Pouco antes da chegada das férias, uma das turmas organizou essa festa, uma “pequena reunião”, uma despedida para os mais íntimos, pelo menos era o que eu acreditava que seria. Chegando na casa em questão percebi como eu tinha cometido um engano. Pela esperança certa de

que eu o encontraria lá, mantive meu rosto erguido e desbravei aquela multidão de adolescentes em sua maioria embriagados.

Peguei um copo suspeito na mesa das bebidas e me sentei tomando aquela substância que fazia minha mente surfar em um redemoinho. Eu estava feliz? Ou estava só tentando manter as boas maneiras acima da bebida? Eu estava com medo? Será mesmo que ele viria? Eu tinha sido um tolo. Quando já havia tomado a decisão de ir embora, vejo sua silhueta alta e expressiva se mexendo hipnoticamente no ritmo de uma música que eu não conseguia identificar. Minha atenção era toda para ele.

Ele me viu assim que a música acabou, um pequeno espaço de tempo até que outra começasse, ele me segurou com força e delicadeza, entramos pela noite adentro assim. Meus lábios encontraram os dele, dançamos, bebemos, nos encontramos novamente, nos perdemos. Sentia cada vez mais intensamente a chuva de emoções que nos acolhiam nessa noite que aos poucos ia se desenrolando.

4 da manhã, eu já não me aguentava mais em pé. De alguma forma ele percebeu isso e fomos embora, a rua deserta, um céu noturno enfeitado com estrelas as únicas testemunhas da nossa relação. Ele colocou meu braço sobre seus ombros e me levou através da escuridão oscilante entre os postes de luz. Não estávamos indo para casa, como uma mente coletiva ambos sentíamos para onde o caminho nos levava.

Me sentei na grama ao seu lado observando as primeiras luzes do dia serem refletidas no lago, as primeiras horas do dia invadindo cada célula do meu corpo deixando o cansaço tomar conta e a maior felicidade possível por estar ao seu lado. Deitei minha cabeça em seu ombro absorvendo o cheiro dos seus cabelos como se fosse a melhor fragrância já descoberta ou fabricada pelo homem. Para mim era.

Na porta da minha casa já ouvindo todos os sons diurnos da cidade se desenrolarem, ele me deu um beijo diferente de todos os que tínhamos dado aquela noite. Seus olhos escuros agora de uma forma brilhavam sombriamente sobre a luz do sol. Aquele olhar me fez ter medo novamente. Não porque ele faria me algum mal, mas... era um olhar de despedida, não só de tudo pelo que passamos naquela noite, mas tudo que passamos em geral. Acabou.

2 semanas se passaram até o dia em que ele falou comigo de novo. Por tanto tempo eu tinha chorado, e imaginado como seria ver aquele rosto, aqueles lábios, aquele cabelo. Eu só sentia desejo, desejava tê-lo de volta em minha vida miserável. Estávamos no meio do agora vazio, pátio da escola, as férias retiravam toda, ou pelo menos quase toda vida daquele lugar. Meu primeiro pensamento foi correr e me atirar nos braços dele nem que isso resultasse numa catastrófica queda e algumas contusões bem feias. Eu queria me afogar na imensidão que era ele, no infinito que eu

aprendi a compactar no curto espaço do meu peito e da minha mente. Fui puxado pra realidade pelo olhar inquilino de sua companheira.

Ele. Não. Estava. Sozinho.

E a pessoa do seu lado não era eu. Nunca seria. Eu tinha tentado colocar isso na minha cabeça desde a primeira troca de olhares, mas eu nunca pensei que seria dessa maneira a concretização de umas das centenas de situações prováveis que eu inventei até ali. A garota me olha e dá um riso amargo. Ela sabe de tudo. E ele não tem mais nem a coragem de me encarar. Eu fujo. A Terceira Onda.

Corro até sentir minhas pernas cedendo ao cansaço, e as lágrimas brotando em meu rosto. Queria que acabasse ali, todas elas saíssem o mais rápido de mim levando junto tudo o que se passou entre nós. Triste, mas acima de tudo eu estava com raiva. Sempre que eu os visse passar por mim seria esse mesmo sentimento. A água debaixo do chuveiro agora acolhia mais uma parte das minhas lágrimas, era o abraço dela que me remetia a ele novamente, e mais uma vez na minha cama, e outra vez no lago, e a última no meu peito.

Eu podia ver tudo e sentir ele, e ver ele com ela, e sentir mal por ele com ela e não comigo. Por que é sempre tão difícil manter a mente livre? Por que meu coração insiste nele? Nele não, mas na máscara que ele estava usando e que me fez acreditar que era seu verdadeiro rosto. Muitos foram os dias que eu só conseguia me manter na dor. E achar que estava superando, e mais uma vez encontrar eles na margens dos meus pensamentos me empurrando de volta para tudo aquilo.

Não tinha mais nada com que eu poderia fazer. Apenas uma coisa passava na minha mente. Quando a noite chegou acobertando todos os atos que eu viria a tomar eu sabia como tudo terminaria. Nenhuma mensagem. Nenhuma última declaração. Ninguém iria se importar. Descendo a rua escura, tudo me veio a mente de novo, aqueles olhos, aqueles lábios, a perdição e todos os caminhos pelo qual aquele cabelo me levou. Por que? Foi isso o que você mais me ouviu dizer. E até agora depois de tudo eu não consigo pensar na resposta.

Meus pés tocaram a água do lago. Nenhum som. Nenhuma testemunha. Era um erro. Escutei quando as testemunhas chegaram. Como eles sabiam? Eu não sei, assim como não sei de muitas das coisas que você testemunhou nesse relato. Os olhos dele continuavam escuros magicamente brilhantes sugando todo o espectro noturno até eles, os cabelos abraçando a imensidão das estrelas, e aqueles lábios entreabertos que me faziam perder o meu ar, aumentavam a pressão barométrica e faziam a chuva acontecer em minha realidade. Nada daquilo era meu, não mais, se é que um dia já foram. Era tudo dela agora, que continuava atrás dele, como se não quisesse mais se mostrar como a verdadeira proprietária.

Quando dei por mim a água do lago subia pelo meu corpo embaçando minha vista e abraçando os dois como uma mãe urso gigantesca, eu estava fazendo aquilo. A água era limpeza. Eu estava

limpando eles de dentro de mim. A mesma substância fluida que agora os levava para longe se fazia cada vez mais presente em mim. Mais fundos. Mais forte. Eu sentia tudo ao meu redor, e lançava contra eles todas as 3 ondas pela qual eu tive que passar até ter me esgotado. Já não queria mas nenhum olhar, nenhum beijo, nenhum toque. Eu queria toda a imensidão que estava recebendo. Eles se tornaram cada vez mais distantes enquanto a pressão fazia minha cabeça ser apertada. Era quase o fundo de tudo. Era quase o fim de tudo. E era o fim deles dois.

Foi o meu fim. O fim do meu mundo todo levado pelas ondas do mar dos meus sentimentos. Tudo levado pelo mar criado por aquele único toque, aquele único olhar. Eu parti.

2º LUGAR – Giulia Gasparini (IFPR)

A dor do existir

O som do caos me acorda: pneus guinchando, chaves chacoalhando, batidas violentas na porta do quarto. Sons que causaram-me insônia por anos. Eu os ouço gritando na distância como de costume. As paredes dessa casa são repletas dos ecos do abuso, eu cresci nesse ambiente e ninguém me perguntou se era isso que eu queria, então me isolei, porque o mundo dentro de mim é mais seguro. Não há nada fora do normal, o tom é o mesmo, então volto a dormir. Não muito depois, fui puxada do meu sono pelo barulho de vidro quebrando. Perplexa, chego mais perto da porta para entender o que está acontecendo, mas tudo o que chega até mim são resquícios de um vazio estridente, ensurdecedor, irreversível: sussurros abafados e aterrorizados, choros retraídos e tímidos gemidos de dor.

Silenciosamente faço meu caminho para a sala de estar. Me escondo atrás do biombo de madeira entalhada com ornamentos de marfim, que o homem da casa comprou, que ele orgulhosamente exhibe em todas as chances que tem, nunca hesitando em declarar sua presença, ele vive grandiosamente, em meio a estrondos, batidas e estalos. Olho pelos buracos dos entalhes superficialmente bonitos, sua aparência de estabilidade e solidez se desmancha ao olhar atento e expõe a dor insuportável da presa. Vejo vidro quebrado. Percebo as marcas que o vidro fez no mármore branco franciscano do chão e penso sobre a finesse fina como papel arruinada desse terreno elitista feito de pequenos espaços vazios que não se cabem.

Liberto-me dessa espiral delirante de pensamento, forço meu olhar a se deslocar para cima e paro ao capturar com desgosto o patriarcado escorrendo, pingando do pedaço afiado de vidro que é segurado contra a garganta da minha mãe pelo seu marido, enquanto ele segura um punhado do seu cabelo com a outra mão, para manter a cabeça dela no lugar. Eu quase vocalizei meu espanto, mas engulo o nó que se formou na minha garganta e envolvo meus braços em volta de mim, em uma tentativa desesperada de me acalmar. Ele já bateu nela antes, mas nunca a ameaçou com uma arma.

Não me surpreende que tenha chegado a esse ponto, quando a bebida perdeu o efeito e os cigarros acabaram, os punhos dele acharam conforto na pele dela, ele dança em cima do desespero alheio e sapateia ao som dos gritos de dor e suicídios internos da mulher que levou ao altar. Sua força é tremenda, sempre pensei nele como um buraco negro, sugando e destruindo tudo que segue em sua direção. Ela nunca tentou deixá-lo, nunca tomou nenhuma medida drástica, a não ser continuar. Eu acho que isso, essa decisão de ficar, fez mais mal para ela do que ele, tem coisa mais autodestrutiva do que insistir sem esperança alguma? Apesar de não me surpreender, não posso deixar de olhar para este homem com pavor. Não consigo me mover. Eu não faço ou digo nada. Eu

fico ali, parada, vendo-o gritar com a minha mãe por comer antes de servi-lo. A culpa percorre minhas veias e me sufocam de dentro para fora. Eu o vejo pressionar o pedaço de vidro quebrado contra o lado do pescoço dela, crucificando-a em um ato tão atroz e desumano, até que ela desaba em lágrimas, desesperada pelo tormento, a dor dilacerando todo o seu ser, engolindo sua existência, ela implora pelo seu perdão, implora para ele deixá-la ir, implora para ele deixá-la viver. Se escondendo por trás de um copo e um trago, seu marido a cega com argumentos teimosos e eloquentes e, com suas garras cravadas na alma dela, balança furiosamente sua cabeça pelos cabelos e joga minha mãe no chão, por cima de todos os vidros estilhaçados. Nada que ela faça é suficiente para evitar o estrago que ele causa, cada fragmento do seu ser é insuficiente para o homem.

Ela se levanta mancando, com cacos de vidro atravessados na pele do seu braço esquerdo. Sangue vivo desliza e pinga no mármore virginal. Sua postura grita algo que eu já sei: sobreviver no abuso faz com que seja difícil respirar, existir dói. Deslizo o biombo para a direita e encaro os olhos do meu pai. Ele está surpreso em me ver ali, ele está surpreso por eu ter saído do meu esconderijo. Minha indignação é aceita e compreendida pelo olhar da minha mãe, que encontra o meu e não vejo nada além de medo em seus olhos. Mas o medo não é por ela, é por mim. Ela tem medo do que este homem faria à própria filha quando ela retaliasse. Mas eu não retaliao. Começo a andar para frente. Na certeza de que sou eu que me movo e ninguém mais. Vou até a cozinha e coloco comida para ele. Para que minha mãe não tenha que fazer; para que minha mãe não tenha que agir como se ela adorasse seu agressor. Assumir esse papel, ainda que não pareça, foi meu grande gesto de coragem. Sirvo-lhe o pão que ele traz à mesa, o pão de que ele se gaba por prover. Penso ter sentindo um efêmero lamento na face do homem, mas logo vejo um sorriso formando em seus lábios enquanto ele devora a comida. Pratos se enchem, se esvaziam, se enchem, se esvaziam, ele se enche, se suja, nos engole sem mastigar, nos odeia, nos esvazia, nos afunda, nos afoga, nunca escondendo sua natureza animalesca.

Percebo uma lágrima formando nos olhos dela, vejo seu corpo afundando, desabando ao ver sua filha cair nas armadilhas tóxicas do homem que ela afirma amar. Eu a seguro quando ela está prestes a cair. Abro o biombo novamente, coloco-a entre o meu quarto e o homem na sala, levo minha mãe comigo, jurando nunca mais deixá-la no escuro com suas dores e cicatrizes. Trocamos olhares enraizados no medo de ter medo pelo resto da vida. Posso ter sido cúmplice, mas não sou uma vítima. Ainda.

1 LUGAR: Carolina Pedron (IFFarroupilha)

Sentir só mais um dia

Abro os olhos, é aquele maldito teto branco de novo. Sinto meu coração bater e minha respiração ficar mais rápida. Espreguiço-me em meio daqueles cobertores que já não recebem sol há alguns meses. Os cantos dos pássaros já não soam do mesmo jeito. Agora só servem para avisar que mais um dia precisa ser vivido. O que eu não queria. Contemplo a janela e lá está ela, aquela vista, aquela única e mesma vista de sete meses atrás. Com os prédios que a cada dia ficam mais cinzas e o limoeiro que contradiz com a vida dos seus limões verdes aos podres que caem por não seres tocados e recolhidos. E depois de tanta reluta me levanto. Observo aquele quarto tão cheio, mas tão vazio de essência. Onde já deixou de ser meu refugio dos dias cansativos para ser onde mais quero distancia agora. Arrumando a cama me deparo com aquele travesseiro, que antes guardava todos meus sonhos e ambições e agora guarda as lágrimas que escorrem da dúvida e do medo. Minha visão corre e para naquela escrivadinha com vários cadernos escancarados cheios de escritas, com uma letra deprimente de alguém que certamente não estava com a finalidade de escrever algo. Palavras jogadas e embaralhadas que já não faziam mais sentido para meu cérebro. Vou à cozinha para o preparo do meu café que a essa altura não é mais uma opção, mas sim uma necessidade para conseguir enfrentar mais um dia. O cheiro e o gosto invadem o meu corpo e tudo começa a ficar mais amplo. O barulho do relógio quebra o silêncio, e junto com ele vem à incerteza se tudo isso esta realmente andando ou só eu que estou parada? Às vezes sinto que o tempo me sufoca. O calendário ainda esta na parede, com muitos números e datas diferentes, mas ultimamente os dias parecem serem os mesmos. Hoje não esta sendo muito diferente de ontem, nem de um mês atrás. Ah, aquela porcaria de lista de afazeres está na geladeira. A improdutividade cada dia amarra mais um corda em meu corpo, e crava no fundo do meu mar de indisposição. Como posso ser assim? Resolvo ir para o banho, a água preenche o vazio de minha mente que anda perdida em seus próprios pensamentos. Cada gotícula entra em encontro com minha pele e tudo rapidamente se torna em um extremo riacho de sensações. O calor. O toque. O contato. Já não recordava mais. Só

assim para suportar a solidão da presença. Saio do banho e coloco aquela roupa que provavelmente já se tornou parte de mim. Passo correndo pelo corredor para não precisar me deparar com o espelho. Prefiro evitar olhar para aquela expressão do meu rosto, os olhos cansados com a profundidade de um rio cheio de peixes mortos, as olheiras representando o luto de uma alma que anda se destruindo aos poucos, e uma boca que mesmo fechada grita por alguém. Dizem que é fácil de simpatizar com a solidão em algum momento, pois sempre fomos sozinhos na vida. Com nossas próprias vivências e jeitos de ver o mundo, mas agora sinto que é impossível gostar de ficar sozinha, por que é a mim mesma que não suporto. Prefiro fugir de tudo isso. Abro a gaveta do meu quarto, pego um fone de ouvido e conecto ao meu celular. Fecho as janelas, tranco a porta e deixo que o som invada todo meu corpo. O ritmo logo se assemelha a minha pulsação e a harmonia se conecta com o movimento de meus passos. E em um passo de mágica todo o mundo exterior se desliga e tudo começa a ficar mais colorido. Memória de dias melhores vem e a esperança se torna mais próxima. O quarto se torna palco da minha felicidade e talvez, mesmo que por um instante, a monotonia perde o foco dos holofotes da existência. A música entra como o oxigênio de um respirador e eu finalmente sinto o que é estar viva novamente. Porém o fone cai. O silêncio penetra novamente. O vazio acerta como um tiro em meu coração. Abro a janela e todos os limões apodreceram e a luz do sol fugiu levando com ela mais um dia. Olho em volta e tudo está em preto e branco. As escritas dos cadernos somem e o calendário cai da parede. As datas se esparramam pelo chão junto com as lágrimas em meu rosto. Grito para aquele teto que me acompanha todos os dias “Só quero viver”, mas ele preferiu fugir. O desespero se mistura com o ar e de repente está circulando em todo meu organismo. As paredes começam a se fechar e eu corro para meu único conforto. O travesseiro. Afundo minha cara nele com a intenção de que minha mente afunde também. Para de pensar, para de pensar, para de pensar. Abro os olhos. Ah, é aquele maldito teto branco de novo.

